

Hora de matrícula. Sobram escolas e vagas

Mesmo na rede particular, pais têm dificuldades para escolher o colégio dos filhos

RENATA CAFARDO
e MARCOS DE MOURA E SOUZA

Não é nada fácil. É o que mais se ouve de quem procura este mês uma nova escola particular para o filho que termina o ensino infantil no fim do ano. Discursos de orientadoras pedagógicas, dúvidas entre um colégio grande ou educação mais personalizada, termos como construtivismo ou tradicionalismo confundem mães e pais. "O difícil é saber o que é mais importante para fazer a escolha certa", diz Alexandre Guimarães, que há dois meses visita escolas para seu filho Gustavo, prestes a completar 7 anos.

Se há dúvidas sobre a linha pedagógica ou conteúdo, sobram opções de escolas e também vagas. Na maioria das instituições privadas de São Paulo, a oferta é maior do que a demanda. De acordo com o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieesp), de 1996 a 2000, o número de escolas e de oferta de níveis de ensino no Estado aumentou em 64%. Enquanto a procura por vagas, apenas 12%. Além disso, dados do IBGE mostram que a taxa de natalidade vem caindo, principalmente na classe média e alta, público-alvo das escolas particulares.

Entre o fim dos anos 80 e início dos 90, muitas escolas controlavam o acesso com testes eliminatórios, os vestibulinhos. "Hoje menos de 1% das escolas aplicam testes de seleção", diz o presidente do sindicato, José Augusto de Matos Lourenço.

Para o educador da Pontifícia Universidade Católica (PUC), Artur Costa Neto, a grande oferta deixou um pouco mais tranquilo o processo de escolha da escola. "O pai precisa procurar uma escola próxima de casa. Não existe mais uma única e ideal opção, em quase todos os bairros há boas escolas", diz.

O importante é ter clareza no que procura, completa a professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) Sílvia Colello. "A escola tem de ser parceira dos pais na educação. Se os pais são liberais não devem colocar

a criança numa escola conservadora", diz a professora.

Construtivismo – "Como não conheço bem as linhas pedagógicas, acabo indo mais pelo instinto", diz Guimarães. Educadores concordam que sentir-se bem no ambiente – e perceber se o filho também sente o mesmo – deve ser levado em conta, mas é preciso considerar além

dos aspectos externos. "O pai deve perguntar o que querem dizer quando mencionam o construtivismo, por exemplo", diz Sílvia. Informar-se sobre métodos de trabalho, atividades e mate-

riais usados são uma maneira de checar se a teoria está sendo mesmo aplicada na aula.

"A grande pergunta é: a escola vai encher a cabeça do meu filho com informações ou ensiná-lo a pensar?" Mesmo assim, Sílvia diz que o pai não deve encerrar a escolha de agora como definitiva. "A escola onde a criança faz a 1.ª série não precisa ser a mesma do ensino médio."

O acesso à maior parte das escolas privadas passa apenas por testes que avaliam o nível de conhecimento e um pouco do perfil do candidato. Todas elas, aplicando prova ou não, realizam entrevistas com os pais e com o futuro aluno. São raros os casos de reprovação nessa fase. "Conversamos com os pais, apresentamos o colégio e depois fazemos uma sondagem acadêmica dos candidatos", diz o diretor-administrativo do Colégio São Luís, Jairo Nogueira Cardoso.

Dentre as poucas instituições cuja demanda supera a oferta de vagas, o vestibulinho ainda é a porta de entrada. No Colégio Bandeirantes, a relação candidato-vaga para o 1.º ano do ensino médio deve chegar a três, este ano. A prova dura quatro horas. No Dante Alighieri, a concorrência é de dois alunos por vaga. Ali, a disputa – especialmente no período da manhã – chega ao extremo. "Há pais que fazem reserva de vagas quando seus filhos ainda têm 1 ano de idade, com dois ou três anos antes de começarem a frequentar a escola", diz o diretor acadêmico do Dante, Lauro Spaggiari.

APENAS
1% USA
TESTE PARA
SELEÇÃO



2 10 2 AIR